

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS (UAB)
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

LÚCIA DE FÁTIMA BARBOSA PEREIRA

**A ARTE COMO MEIO DE REFLEXÃO SOBRE DIVERSIDADES, GÊNERO E
SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO**

Brasília
2023

LÚCIA DE FÁTIMA BARBOSA PEREIRA

**A ARTE COMO MEIO DE REFLEXÃO SOBRE DIVERSIDADES, GÊNERO E
SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão do curso de
Licenciatura em Artes Visuais (UAB) do
Departamento de Artes Visuais da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Dra. Maria do
Carmo Couto da Silva.

Tutora: Professora Dra. Mariana Bertelli
Pagotto.

Brasília
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter-me conduzido nesta experiência tão enriquecedora.

Aos professores que tanto acrescentaram a esta minha trajetória, com toda dedicação, empenho e sabedoria, a fim de que eu pudesse lograr êxito nas disciplinas ministradas, sempre me incentivando através dos *feedbacks* apresentados.

Às minhas filhas Juliana e Ana Carolina, pela paciência ao tirarem minhas dúvidas. Sem o incentivo delas, talvez eu tivesse desistido.

À minha neta Ana Clara, que também me ajudou bastante, à minha nora Tatiana e ao meu genro Marcos, que tanto participaram desta caminhada.

À minha prima Ana Carolina Rincon, que me indicou o curso, confiando na minha capacidade.

RESUMO

O presente trabalho propõe estudar o papel da arte-educação na reflexão sobre diversidade, gênero, sexualidade, inclusão e combate às diversas formas de discriminação e preconceito, dialogando com as obras das artistas, mulheres trans, Laerte Coutinho e Zaia Ângelo. As obras de arte, em especial das artistas citadas, oportunizam o conhecimento, a reflexão e o debate sobre os direitos humanos da população LGBTQIA+.

Palavras-chave: Diversidade. Gênero. Sexualidade. Inclusão. Ensino de Artes visuais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
I DIVERSIDADE NA ESCOLA.....	8
1.1 A Arte como Instrumento de Mudanças.....	8
1.2 BNCC – Igualdade, Diversidade e Equidade.....	10
II REFLEXÃO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.....	13
2.1 Cultura Visual como Mecanismo Democrático.....	13
2.2 Reflexão sobre as Manifestações Culturais.....	14
2.3 Visibilidade Trans: Educação por meio da Arte.....	18
2.4 Laerte Coutinho: Uma Breve Apresentação da Artista.....	19
2.5 Zaia Ângelo: Uma Breve Apresentação da Artista.....	19
III ACÃO EDUCATIVA.....	21
3.1 Prática em sala de aula.....	21
3.2. Diversidade, Gênero e Sexualidade na Sala de Aula	22
3.2.1 <i>Laerte Coutinho</i>	23
3.2.2 <i>Zaia Ângelo</i>	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Foto de Laerte Coutinho.....	23
Ilustração 2: Tirinha: O início de tudo? Ou não	25
Ilustração 3: Tirinha: Brigar ou lutar	26
Ilustração 4: Tirinha: Qual porta?	26
Ilustração 5: Tirinha: Normais.....	27
Ilustração 6: Tirinha: Assim??!!.....	28
Ilustração 7: Tirinha: Qual traje?.....	29
Ilustração 8: Foto de Zaia Ângelo.....	30
Ilustração 9: Obra: Eu sou o gay que sofre com homofobia.....	32
Ilustração 10: Obra: Libertação.....	34
Ilustração 11: Obra: A próxima vítima.....	35
Ilustração 12: Obra: Marielle.....	37
Ilustração 13: Foto: Coleção Arte em desfile.....	38
Ilustração 14: Foto: Desfile Goiás Fashion Week.....	39
Ilustração 15: Foto: Coleção arte nos pés.....	39
Ilustração 16: Foto: Coleção Kaftans.....	40
Ilustração 17: Foto: Coleção Bonés.....	40

INTRODUÇÃO

É notório nos meios sociais as sérias violações de direitos, principalmente ao que se refere às minorias sexuais dentro de uma sociedade despreparada para o acolhimento das diversidades humanas. O Brasil é um país onde a democracia é ainda muito recente. Pode-se enumerar governos autoritários, período de escravidão, golpes militares, ditadura militar, fatos que dificultam um maior engajamento dentro da sociedade na luta por seus direitos.

Diante disso, em uma constante busca por uma maior igualdade, principalmente dos direitos das minorias sociais, acreditamos que a escola e a educação podem representar um caminho para oportunizar as discussões e reflexões sobre gênero e sexualidade, mesmo que muitas vezes a nossa sociedade não reconheça a escola como lugar de abordagem deste tema que é tão importante para o conhecimento dos jovens em relação às minorias e dos seus direitos como cidadãos.

Nos últimos anos, verifica-se sérias restrições aos direitos das minorias no país. A Constituição Brasileira de 1988, que tem um caráter progressista, garante a todos o direito a igualdade de gêneros e direitos sociais. Nada mais distante da realidade do que este preceito. Neste contexto, pretendemos obter um envolvimento no âmbito do ensino de artes dos discentes com valores democráticos e a favor das minorias.

Lidar com as diversidades humanas está longe de ser uma desobediência ou um desrespeito. Pelo contrário, trata-se de uma responsabilidade social. Se a escola tem, pois, importante papel pedagógico, suas ações e reflexões devem estar em permanente contato com as comunidades que a rodeiam e fazem parte dos saberes por ela apresentados.

Corroborando com a temática e com a argumentação deste trabalho e utilizando a arte para o atingimento dos objetivos planejados, abarcar-se-ão as artistas e mulheres trans Laerte Coutinho e Zaia Ângelo, suas vidas e obras que promovem a cultura visual contemporânea. O intuito é associar a educação, a arte e a responsabilidade social por meio da arte-educação.

Em suma, esta pesquisa objetiva promover a reflexão e o debate sobre questões sociais, em específico sobre a diversidade, a inclusão e o combate às diversas formas de discriminação e preconceito, por meio de ações inteligentes,

atividades engajadas com o tema da diversidade, do gênero e da sexualidade, em uma proposta que possa objetivar o crescimento individual dos alunos, levando-os a uma melhor construção de suas próprias ações, sendo estas norteadas para uma sociedade mais democrática, mais igualitária, onde cada indivíduo tem sua personalidade, suas percepções e avaliações. Acreditamos que o conhecimento sobre as diversidades poderá colaborar para uma nova forma de educação do olhar, dos sentidos e do respeito às diferenças e às minorias.

I DIVERSIDADES NA ESCOLA

1.1 A arte como instrumento de mudanças

A arte pode ser estimulada na escola como meio de discussão, de reflexão sobre diversidade étnico social, de gênero e sexualidade, podendo ser um caminho de mudanças e de construção de uma cultura mais democrática. O que se observa na atualidade é uma sociedade desigual em termos sociais e excludente em termos culturais, reproduzindo padrões comportamentais ligados diretamente à produção dessas desigualdades.

A abordagem sobre gênero, sexualidade e educação é um tema necessário e de grande importância na formação de arte-educadores que podem se basear na construção desse conhecimento e compartilhá-lo com os seus alunos, pois ainda há um enorme enfrentamento dos desafios dentro das escolas e da sociedade como um todo. Nesse sentido, como nota Ana Mae Barbosa “Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento do cidadão como fruidor da cultura e conhecedor de sua própria ação.” (BARBOSA, 2002, p.14). A escola é o local onde professores e alunos podem voltar seus olhares para as possíveis relações de poder existentes nas práticas educacionais, pedagógicas e políticas, exercitando o pensamento crítico.

O tema diversidade, gênero, sexualidade e educação aborda aspectos relevantes para a escola e para a sociedade, tendo a pretensão de demonstrar como a arte pode influenciar positivamente na abordagem da diversidade, da inclusão, na desconstrução da discriminação e do preconceito, problemas que afligem a todos neste contexto atual tão conturbado. O tema pode se ligar ao ensino da arte pois “*a diversidade indaga os currículos e as escolas: repensar seu ordenamento temporal como exigência da garantia do direito de todos(as) à educação*” (GOMES, 2008, p.38)

Ainda segundo Gomes (2008), as escolas tentam amenizar essas tensões, evidenciando o respeito à diversidade de acordo com o tempo dos(as) alunos(as) e também da comunidade, flexibilizando seus ordenamentos temporais de forma a garantir o direito de todos, como uma exigência ética e política e, assim, garantindo o direito à diversidade.

Na opinião de Miguel Arroyo (2006, p. 54), a escola é sempre desafiada a atualizar-se e a rever seu currículo e suas práticas pedagógicas. Não se trata apenas de uma determinada visão de conhecimento que pode excluir o “outro” e suas diferenças, mas, sobretudo, de uma determinada visão dos alunos.

Dessa forma, constata-se que Nilma Lino Gomes e Miguel Arroyo buscam refletir sobre a necessidade de atuações e revisões curriculares que promovam inclusões dentro dos ambientes escolares, trazendo indagações e problematizações que propiciem a garantia do direito às diversidades, considerando sempre a visão dos alunos.

O Ensino de Artes é uma importante área do conhecimento, sendo também parte constitutiva da base curricular das escolas, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno. Assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído por homens e mulheres ao longo dos tempos, a Arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a este saber (BARBOSA, 2002). O Ensino da Arte é um componente curricular obrigatório e, quando bem trabalhado, pode estabelecer conexões importantes com outros componentes curriculares, suscitando sentimentos e sensações subjetivas dos estudantes.

Também se faz necessário uma proposta de educação que seja comprometida com a cidadania e seus princípios, para que os alunos tenham conhecimento dos direitos e deveres que os Parâmetros Curriculares Nacionais garantem aos seus cidadãos, tais como:

Dignidade da pessoa humana: Implica respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas.

Igualdade de direitos: Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas etc.). e desigualdades

(socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada.

Participação: Como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas, entre outras. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e a ampliação da democracia no Brasil.

Corresponsabilidade pela vida social: Implica em partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva (BRASIL, 1997).

Essas informações permitem refletir que o ensino da Arte e da Cultura Visual podem trazer em seus conteúdos uma nova maneira de se ver e de ver o mundo, levando a uma maior sensibilidade, a um maior envolvimento com o próximo, à participação mais efetiva na sala de aula e em suas comunidades, buscando uma igualdade de direitos, sendo corresponsáveis pela vida em sociedade, melhorando, assim, as relações humanas.

1.2 BNCC – Igualdade, diversidade e equidade

Temos neste país uma acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais. Dentro deste contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz a proposta de uma educação que tenha compromisso com o indivíduo em seus valores físicos, intelectuais, éticos, afetivos e morais, abordando temas contemporâneos que devem ser acrescentados aos currículos e às propostas pedagógicas, visando a preparação dos jovens no enfrentamento das enormes transformações que acontecem no mundo globalizado. Este cenário, tão dinâmico e veloz, gera incertezas que se tornam um enorme desafio na formação dos alunos, desafiando também a escola, seus dirigentes, professores e até mesmo a criação das políticas e propostas que venham atualizar e organizar de forma positiva os currículos.

Os jovens circulam e interagem com inúmeros setores da sociedade, portanto, está com eles a árdua função de estabelecer os rumos da sociedade. Assim sendo, as escolas, e de modo especial as do Ensino Médio, devem estar diretamente comprometidas com a formação de jovens autônomos e críticos por meio das trocas

de conhecimentos propostos no Novo Ensino Médio. Devem, também, ser capacitados para tomar decisões mais assertivas e responsáveis em suas trajetórias de vida, promovendo diálogos interculturais, propiciando trocas entre diferentes culturas e o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Louro (2011) confere à escola o dever de esclarecimentos sobre as identidades sociais, tendo ainda a incumbência de exercitar práticas que promovam ações direcionadas para o respeito e não somente para a reflexão sobre gêneros nos ambientes escolares. É preciso que os jovens tenham acesso ao conhecimento para, assim, melhor compreenderem estas questões e possibilitar reações mais cautelosas e mais justas para casos de homofobia presentes nas escolas, por exemplo. Louro, em seu artigo “Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade”, aponta que:

Ao falar de gênero estamos nos referindo a feminilidades e a masculinidades (sempre no plural). A potencialidade do conceito talvez resida exatamente nesta noção, a de que se trata de uma **construção cultural contínua (grifo nosso)**, sempre inconclusa e relacional (LOURO, 2011, p. 64).

Mister se faz atentar para o ensino de Arte como forma de ativar e estimular a empatia e a emotividade para permitir que os alunos façam uma melhor compreensão e interpretação das relações humanas, possibilitando uma nova visão, novos conceitos que possibilitarão uma nova maneira de agir na escola e na sociedade, lembrando sempre que se trata de uma construção cultural contínua.

Aprendemos a ser um sujeito do gênero feminino ou masculino, aprendemos a ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, a expressar nossos desejos através de determinados comportamentos, gestos etc. em muitas instâncias – na família, na escola, através do cinema, da televisão, das revistas, da internet, através das pregações religiosas ou da pregação da mídia ou ainda da medicina. Enfim, uma porção de espaços e instâncias exercitam *pedagogias culturais* ou, para o que nos interessa neste momento, exercitam pedagogias de gênero e sexualidade (LOURO., 2011, p.64).

Enquanto arte-educadores, o propósito deve ser sempre levar os educandos a adotarem atitudes e valores que possam elucidar os impasses que surgem na vida cotidiana desses jovens, a fim de que detenham conhecimentos que os levem ao exercício pleno da cidadania. Este trabalho pretende demonstrar possibilidades, usando os objetos de conhecimento e habilidades constantes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na unidade temática de Artes Visuais, conforme o exposto a seguir:

- **Pensamento Científico, Crítico e Criativo:** Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções.
- **Empatia e Cooperação:** Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- **Responsabilidade e Cidadania:** Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018).

O presente estudo é relevante porque “temos o dever ético de cultivarmos um olhar crítico sobre as implicações sociais e políticas constantes em nossas pesquisas” (MADUREIRA, 2007, p.12), a fim de levar para as salas de aula conteúdos que possam provocar reflexões e mudanças de comportamentos, de forma a evitar a disseminação de preconceitos que sempre estão acompanhados de dor e sofrimento para as minorias não visibilizadas na sociedade.

II REFLEXÃO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

2.1 Cultura Visual como Mecanismo Democrático

A Cultura Visual tem como âmbito de estudo as imagens do dia a dia de uma sociedade, na qual são abordadas as tecnologias visuais, as fotografias, o cinema, a televisão, *Internet*, celulares, mídias sociais, enfim, todo campo imagético que circunda atualmente. Os itens supracitados são ferramentas que ampliam a capacidade de visualização, uma vez que a arte está diretamente relacionada à vida, pensada a partir da cultura de uma sociedade e tem como objetivo a compreensão do papel que as imagens representam.

A cultura engloba tudo que é aprendido, absorvido pelas pessoas, tais como as crenças, os valores, os idiomas, a influência no comportamento de grupos sociais. Por isso, é preciso compreender a importância e o papel das imagens na vida das pessoas. A título de ilustração, citam-se as imagens publicitárias que exercem grande domínio sobre os consumidores cotidianamente, por meio das embalagens, das cores, das formas de exposição dos produtos. Sem dúvida, essa é uma potente forma de comunicação, representando a força visual que se tornou fundamental nos dias atuais.

Destarte, esta pesquisa desenvolve, por meio do estudo da arte, análises acerca da possibilidade de críticas que resultem em um envolvimento maior da sociedade junto às minorias sexuais, tendo como base o entendimento de que todos são iguais perante a lei e que ninguém possui o direito de excluir qualquer indivíduo deste contexto. Assim, necessita-se obter cada vez mais conhecimentos sobre este tema, independentemente se convive diretamente ou não com estas minorias, em busca de uma sociedade mais justa, mais humana, mais democrática, acompanhando, também, as políticas públicas que estão sendo desenvolvidas para esta finalidade.

O conhecimento e a capacidade de refletir criticamente são ensinamentos adquiridos no ambiente escolar. Portanto, a escola deve estar preparada para levar

aos alunos as transformações que acontecem diariamente no mundo atual e, dessa forma, construir uma comunidade escolar que possa garantir a prática dos direitos sociais e individuais dentro do contexto da diversidade de gênero e sexualidade. É uma questão demasiadamente séria e importante, “muito especialmente para quem lida, cotidianamente, com crianças e adolescentes, para quem se vê desafiado a acolher e dar algum encaminhamento às dúvidas, às perguntas e às situações que essas crianças e jovens constantemente nos colocam” (LOURO, 2011, p. 63).

2.2 Reflexão sobre as manifestações culturais

A pedagogia crítica de Paulo Freire pauta-se na capacidade de os estudantes e professores desenvolverem uma compreensão crítica e consciente de sua relação com o mundo. O ensino de artes objetiva a análise, a reflexão e compreensão das manifestações culturais, através das quais poderão ser formadas as concepções, os conceitos, o entendimento, a capacidade de opinar sobre o que está sendo proposto (apud VICENTINI; VERÁSTEGUI 2015).

A partir desta percepção, cita-se também Belidson Dias, em seu livro “O i/mundo da educação da cultura visual”, que avalia a Cultura Visual nos dias atuais, trazendo a importante observação de que “o foco da obra de arte não é mais o que acontecia com a arte tradicional, até meados do século XX, mas sim, os diálogos gerados com os espectadores e ainda incentiva uma análise destas relações” (DIAS, 2011, p.68). Dentro deste prisma, estas são as reflexões que se pretende levar para as aulas, pois a Cultura Visual contemporânea pode ser uma prática pedagógica de grande valia para os alunos.

Martins (2008), em consonância ao que se expõe neste texto, afirma não poder negar e nem ignorar que, na pós-modernidade, o consumo está diretamente associado a imagens e que cada indivíduo possui uma maneira única de interpretação de um objeto, sendo que este, muitas vezes, não vale pelo preço que apresenta, mas pelo que representa emocionalmente. Essas escolhas transparecem no mundo, mesmo em diferentes sociedades ou comunidades.

[...] a cultura visual, hoje, aborda e discute a imagem a partir de outra perspectiva, considerando-a não apenas em termos de seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida e na cultura (MARTINS, 2008, p.30).

Segundo Martins (2008), a cultura visual aborda e discute a imagem, buscando compreender o papel social dessas imagens na vida e na cultura, e arte-educadores têm por objetivo a influência positiva no desenvolvimento cultural dos estudantes, como forma de expansão dos sentidos, como concepção de sensibilidade; a busca pela inteligibilidade, pelo prazer e pela sensualidade.

Ao analisar os pensamentos dos três estudiosos supracitados, tem-se que a necessidade de compreensão crítica e consciente da relação do ser humano com o mundo, como tão bem aponta Paulo Freire, são reafirmadas por Belidson Dias e Raimundo Martins. Eles igualmente demonstram a fundamental importância dos diálogos e análises nas relações com as obras, indo além dos valores estéticos e buscando a compreensão do papel social que a obra ou qualquer manifestação artística pode trazer.

O uso de imagens está muito presente na vida de crianças e adolescentes e a arte-educação pode ser um caminho para a construção de um olhar crítico, facilitando a percepção da importância da cultura visual, tanto na habilidade da arte em provocar e questionar os valores ora praticados nos dias atuais, bem como os que prevaleciam em épocas pregressas. Desta forma, a pesquisa bibliográfica que embasa este trabalho aponta para a constante necessidade de atualização e revisão curricular, destacando a importância dos movimentos sociais e culturais no campo dos currículos, ao qual questiona-se, enquanto educadores, qual a forma que esta diversidade tem sido proposta no ambiente escolar, bem como de que maneira pode-se tratar didaticamente com esta diversidade, conforme aponta Gomes:

Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. (GOMES, 2008, p. 17).

Os educandos são os sujeitos centrais da ação educativa. E foram eles, articulados ou não em movimentos sociais, que trouxeram a luta pelo direito à diversidade como uma indagação ao campo do currículo, e esse é um movimento que vai além do pedagógico. Estamos, portanto, em um campo político. (GOMES, 2008, p. 26).

Valter Roberto Silvério (2006) discorre sobre os movimentos sociais e identitários que tiveram início na segunda metade do século XX e que provocaram significativas modificações na política pública educacional, argumentando sobre a necessidade de ações afirmativas nas políticas sociais que venham combater discriminações, sejam elas raciais, étnicas, religiosas, de gênero ou de casta e que venham promover a igualdade de oportunidades, garantindo o acesso à educação e ao mercado de trabalho a todas as minorias.

A demanda por reconhecimento é aquela a partir da qual vários movimentos sociais que têm por fundamento uma identidade cultural (negros, indígenas, homossexuais, entre outros) passam a reivindicar reconhecimento, quer seja pela ausência deste ou por um reconhecimento considerado inadequado de sua diferença (SILVÉRIO, 2006, p. 9).

A educação da cultura visual proporciona uma compreensão crítica e demonstra a importância das funções sociais e suas relações de poder, não apenas dando ênfase na apreciação das imagens, mas demonstrando o quanto a cultura visual pode desenvolver a identidade de um povo, contribuindo para que os indivíduos detenham as visões sobre si mesmos, sobre o mundo e também sobre seus modos de pensar. Dias (2011) assente um posicionamento político e cognitivo, sobre o qual pontua ser uma questão primordial a introdução de um maior espaço para a leitura e análises de gêneros e de representações nos currículos, sugerindo que estes sejam interdisciplinares em arte-educação, incentivando também a leitura dos “silêncios sociais” que são produzidos dentro da escola. Com essa abordagem, assim dispõe:

A arte-educação corrente, tem, de maneira restrita, incentivado a discussão de questões sociais no currículo, mas é por meio da abordagem crítica, social e reconstrucionista da educação da cultura visual que os arte-educadores e estudantes de arte, juntos, geram uma expectativa no sentido de esclarecer e dar visibilidade a questões fundamentais na visualidade da sociedade contemporânea e tecnológica. Além disso, a educação da cultura visual enfatiza particularmente a construção do cidadão contemporâneo e, nesse ponto, a diversidade cultural se torna relevante e crucial para o ensino e a aprendizagem das artes. Isso amplia a reflexão sobre conceitos de arte, o papel da cultura visual, as representações visuais e os artistas, em diferentes contextos sociais (DIAS, 2011, p. 24).

É preciso enfatizar que as imagens abordadas pela cultura visual não são as imagens apresentadas nos filmes ou nos museus, mas sim uma cultura que usa as

imagens como meio de entendimento do mundo e da realidade. É, portanto, por meio dela que se pode conhecer e entender os hábitos, os costumes de um povo, apontando a vida com seus paradoxos, o cotidiano com seus hibridismos e a escola com seus desafios, cabendo ao professor a produção de novos métodos, com propostas que evidenciem uma melhor compreensão das diferenças existentes na comunidade escolar, bem como na sociedade. É neste contexto que se inclui as diversidades de gênero e sexualidade nos currículos das escolas.

O currículo necessita ser reformulado de modo que enfatize a unidade dentro da nossa diversidade, mostrando que todos os seres humanos fazem e usam a arte por razões similares. Mas, infelizmente, há questões como as do racismo e o sexismo que absolutamente nos exigem a implementação de abordagens em que o fazer e aprender arte transformem-se em maneiras de participar na reconstrução social. (CHALMERS, F.G. 1996, p. 45).

Ana Mae Barbosa, em seu livro “Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte” (2002), discorre que a cultura visual contemporânea pode ser uma prática pedagógica nas salas de aulas, observando que as obras de arte nos dias atuais não significam mais o que acontecia apenas no teor da obra, mas sim o que ela desperta em termos de diálogos, de incentivo às análises das relações pessoais e sociais; e cabe ao professor a tarefa de torná-la essencial para que contribua no crescimento individual dos alunos e também nos seus comportamentos em sociedade.

Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da arte: a arte como aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, por meio do ambiente, desenvolvendo, assim, a capacidade crítica do indivíduo para analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade para mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2002, p.06).

Em outra obra, “A Imagem no Ensino da Arte”, Ana Mae Barbosa (2010) aponta que a Arte-Educação passou por muitas mudanças, entre elas um maior compromisso com a cultura e com a história, influenciando positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes por meio da criatividade, da percepção, imaginação e do senso crítico, gerando uma aprendizagem que parte de contextualizações históricas, sociais, antropológicas e estéticas das obras, gerando um aprendizado mais consciente, mais informado e comprometido com a diversidade cultural. Destaca,

ainda, que a interdisciplinaridade é a condição epistemológica da pós-modernidade, e a interculturalidade a condição política da democracia.

A arte-educação é a mediação entre arte e público, e ensino da arte é compromisso com a continuidade e/ou com currículo que seja formal ou informal. Esses conceitos, associados ao conceito de arte como experiência cognitiva, vêm se constituindo o núcleo das teorias pós modernas em Arte-Educação (BARBOSA, 2010, p. 100).

Observa-se, enquanto educadores, quais as representações imagéticas atingem as emoções e, por conseguinte, o comportamento humano, tendo o poder de gerar reações emotivas nos observadores, pois estas representações possuem grande capacidade de criação de novos e surpreendentes rumos na sociedade.

2.3 Visibilidade Trans: Educação por meio da Arte

Considera-se que as ações do professor são uma importantíssima construção que apresenta inovadoras propostas, visando alcançar um maior conhecimento das questões sobre diversidade, gênero e sexualidade. Ressalta-se que estas novas ações vão além das práticas pedagógicas, pois elas se encontram e afetam também o lado emocional dos educandos.

Este projeto pretende sensibilizar os alunos, por conseguinte a comunidade escolar e também a sociedade, para a busca de mais conhecimento e também pelo reconhecimento destas identidades de gênero, na expectativa de obter como resultado o combate à violência vivida por esta população.

Apresentar-se-ão, neste projeto, as mulheres trans Laerte Coutinho e Zaia Ângelo, artistas visuais que, por meio de suas vidas e obras, ofereceram suporte para trabalhar diversidade, gênero e sexualidade na sala de aula, visando o arrefecimento das características machistas presentes em nossa cultura, tais como casos de violência contra mulheres e homossexuais.

2.4 Laerte Coutinho: Uma Breve Apresentação da Artista

Laerte Coutinho é uma cartunista, ilustradora e roteirista, nascida em São Paulo-SP, em 10 de junho de 1951. É uma das mais importantes e influentes cartunistas do Brasil. Foi uma das criadoras da revista em quadrinhos “Balão” e autora da revista “Piratas do Tietê”. Publicou trabalhos em veículos como “O Pasquim”, “O Bicho”, além dos jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”.

O processo de reflexão sobre sua identidade de gênero teve início em 2004, transformando sobremaneira sua produção e tornando-a mais atuante em debates sobre direitos humanos, gênero e sexualidade. Ao assumir sua transgeneridade em 2009, passa a participar de movimentos que debatem este tema. Essa nova posição da artista começou a se delinear em seus trabalhos. Em 2012, funda a Associação Brasileira de Transgêneros (ABRAT).

Às vezes com humor, outras vezes assumindo um tom mais reflexivo, sua obra é bastante variada, apresentando questões políticas que envolvem temas sobre a cidade, o cotidiano e também sua própria existência. (Enciclopédia Itaú Cultural).

2.5 Zaia Ângelo: Uma Breve Apresentação da Artista

Escritora e artista plástica, tem seu trabalho divulgado no Brasil e no exterior. Zaia Ângelo atingiu reconhecimento aos 15 anos de idade ao receber o convite para expor sua obra “Eu sou o gay que sofre com a homofobia”, de sua coletânea “Eu sou a Dor”, na 10ª *Art Shopping Paris* – Carrossel do Louvre, durante a Semana de Arte Contemporânea de Paris em 2017. No ano seguinte teve seu nome incluído no *ranking* dos cinquenta artistas plásticos mais influentes do mundo pelo guia *The Best Modern*

and Contemporary Artists, sob curadoria dos italianos Salvatore Russo e Francesco Saviero. (<https://zaiaangelo.com>)

A artista é muito ligada às questões sociais. Em todas as suas obras aborda a diversidade, inclusão e combate a qualquer forma de discriminação e preconceito. Conseguiu levar a arte protesto para o museu do Louvre e suas ilustrações em homenagem às divas drags e transexuais estamparam a coleção da estilista Mileide Lopes, que foi a primeira marca goiana a ser selecionada pela curadoria da São Paulo *Fashion Week* a expor na loja conceito do evento.

Contando atualmente com apenas 22 anos de idade, Zaia viu na moda o caminho para ampliar a visibilidade do seu trabalho. Seu objetivo maior é usar a arte como ferramenta de inclusão e combate à discriminação, mostrando, por meio de seus traços, a beleza da diversidade, a promoção e a reflexão sobre empatia. Para que isto aconteça, é necessário que suas obras circulem por todos os ambientes (ÂNGELO, s/d).

III AÇÃO EDUCATIVA

O ensino da Arte é, inexoravelmente, parte constitutiva da base curricular nas escolas e também representa uma proposta de educação que tenha compromisso com o indivíduo em seus valores físicos, intelectuais, éticos, afetivos e morais. Portanto, a prática em sala de aula deve ser conduzida em observância ao que está disposto nas diretrizes educacionais em vigor, cujo teor objetiva uma melhor orientação dos educadores, a fim de auxiliá-los nas elaborações de suas práticas de ensino, inclusive adaptando-as às peculiaridades existentes nos seus ambientes educacionais.

3.1 Prática em sala de aula

Este primeiro subtópico apresentará a importância da didática no ensino de Arte, uma vez que objetiva levar aos alunos possibilidades de reflexão quanto a preconceitos, especialmente em relação à diversidade, gênero e sexualidade, fazendo uso da cultura visual e midiática, as quais eles estão lidando cotidianamente. Assim, é possível atingir efeitos positivos que lhes proporcionem crescimentos individuais e coletivos, aprimorando suas trajetórias de formação e de constituição enquanto pessoas. Proceder-se-á, inicialmente, um momento de apresentação e debates com os temas, a saber: Dignidade da Pessoa Humana; Igualdade de Direitos; Participação Social; e Corresponsabilidade pela Vida Social.

O princípio da Dignidade da Pessoa Humana é um dos Fundamentos do Estado Democrático de Direito e está previsto no artigo 1º, inciso III da Constituição Federal de 1988, sendo, portanto, um fundamento basilar da República. Este princípio se refere à garantia das necessidades vitais de cada indivíduo (BRASIL, 1988).

A respeito do princípio da Igualdade de Direitos, a Constituição Federal “garante aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no Brasil, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988,

art. 5), referindo-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício da cidadania, considerando o princípio da equidade, isto é, existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas etc.) e também desigualdades (socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada.

Em relação à Participação Social, a Constituição Federal (1988) garante a participação da sociedade na gestão de políticas e programas promovidos pelo Governo Federal. É o chamado controle social. Essa participação pode ocorrer por meio de diversos canais, tais como “Dialoga Brasil!”, “Notícias.Gov”, “Canal.Gov”, “Rede Nacional de Rádio”, além de telefones amplamente divulgados pelas diferentes áreas governamentais. Isso implica o entendimento de que nossa sociedade é múltipla e múltiplos são seus interesses. Além disso, sugere a ideia de que em conjunto se pensa melhor e se decide de forma mais justa e democrática.

O princípio da Corresponsabilidade pela Vida Social implica na formação de atitudes que conduzem os indivíduos a aprender e valorizar comportamentos sociais que sejam seguros e adequados, pois os estudantes fortalecem os currículos a partir da participação ativa nos caminhos que a escola trilha, pensando esta escola como um lugar de troca de ideias, discussões e de desenvolvimento do pensamento crítico.

3.2 Diversidade, Gênero e Sexualidade na Sala de Aula

A partir do exposto até então, nesta etapa e nas próximas, desenvolver-se-ão dinâmicas que provoquem reflexões, mudanças comportamentais, capacidade crítica de analisar a necessidade de maior envolvimento da sociedade junto às minorias sexuais. Para tanto, faz-se necessário obter conhecimento sobre esta parcela existente nos meios sociais, que são detentores dos mesmos direitos e deveres de qualquer outro cidadão. Assim, os educandos terão atitudes e valores necessários ao crescimento pessoal e ao bom convívio social. Este é um dos objetivos traçados pela BNCC no que diz respeito às competências e habilidades no ensino de Artes Visuais.

Por meio das obras de Laerte Coutinho e Zaia Ângelo, duas artistas e mulheres trans, trabalhar-se-ão o exercício da curiosidade, a investigação, a reflexão, a análise

crítica, a imaginação, a criatividade, o exercício da empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, o respeito mútuo, o acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, culturas e potencialidades, com o objetivo de minimizar os preconceitos de toda e qualquer natureza.

3.2.1 Laerte Coutinho



Ilustração 1: Foto de Laerte Coutinho. Fonte: (Reprodução/Guia da Semana)

São notórias as transformações e reformulações que nossa sociedade tem vivenciado nos últimos tempos, especialmente no que se refere à sexualidade e à identidade de gênero. Laerte Coutinho, através de sua arte, tem conseguido dar voz à causa LGBTQIA+, pois, “o que importa na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente” (JESUS, 2012, p. 8).

Nessa primeira etapa, apresentar-se-á o documentário “Laerte-se”, no qual a artista apresenta sua longa trajetória para aceitar-se como mulher. A artista havia se identificado como homem por quase 60 anos quando decidiu por sua identidade de mulher transexual. O documentário está disponível no *streaming Netflix*.

Este documentário demonstra a complexidade de assumir outra identidade de gênero, convivendo com rejeições internas e externas, vivenciando um doloroso processo de reflexão sobre si mesma, o que torna a artista uma pessoa mais atuante em debates sobre direitos humanos, gênero e sexualidade, passando a ser mais participativa nos movimentos que discutem e questionam os direitos dos cidadãos e cidadãs trans nos movimentos que retratam as lutas que envolvem este tema.

Na segunda etapa, haverá espaço para rodas de conversa cuja finalidade será debater as questões de diversidade, gênero e sexualidade. Cada aluno terá a chance de discorrer sobre abordagens interessantes que puderam observar no documentário, exercitando a curiosidade intelectual, a empatia, a reflexão, a análise crítica, o diálogo, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos. Ao professor, cabe valorizar as narrativas individuais e coletivas dos educandos, valorizar a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus conhecimentos, culturas e potencialidades, aguçando novas formas de se ver e de ver o meio em que estão inseridos. A cultura visual contemporânea é uma prática pedagógica fundamental nas salas de aula e, neste contexto, vale ressaltar que “os educandos são os sujeitos centrais da ação educativa” (GOMES, 2008, p. 26).

A leitura de imagens abordando gênero, sexualidade e diversidade fazem parte de uma educação inclusiva. Portanto, no ensino da Arte e da Cultura Visual exige-se uma participação mais efetiva em sala de aula, objetivando sempre a busca por igualdade de direitos e pela melhoria das relações humanas.

As famosas produções imagéticas de Laerte Coutinho, suas tirinhas inteligentes e carregadas de humor e provocações, serão usadas a fim de proporcionar discussões descontraídas sobre a importância do respeito aos outros e a si mesmos, permeando questões como o preconceito, a resiliência e as tomadas de decisões baseadas em princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários.

A seguir, estão algumas tirinhas de Laerte Coutinho, todas elas com abordagens relacionadas a diversidade, gênero e sexualidade. Cada produção imagética será acompanhada de uma pergunta para reflexão e debate entre os alunos.



Ilustração 2: Tirinha: O início de tudo? Ou não?. Fonte: <https://laerte.art.br/tag/criancas/>.

Questão motivadora: O início de tudo?!!! Ou não...

A imagem apresentada (Ilustração 2) demonstra crianças chegando em uma escola infantil e sendo separadas por cores, a saber: cor azul para meninos e rosa para meninas; o detalhe que provoca reflexão e humor é que se trata de camisas de força, daquelas usadas em sanatórios em tempos remotos. Pode-se inferir da tira é que essas crianças estão “amarradas” dentro destas cores, ficando praticamente “engessadas” dentro das decisões tomadas por seus professores e/ou diretores.

O professor irá solicitar que os alunos discorram sobre a pergunta formulada para esta imagem, emitindo suas reflexões e opiniões sobre onde e quando esta segregação se inicia.

Nesta etapa, formar-se-ão grupos de alunos que discutirão sobre as impressões pessoais tiradas da imagem. Em seguida, farão um resumo das principais ideias e opiniões manifestadas dentro do grupo. Ao final, todos os grupos farão a leitura das percepções anotadas em cada um dos trabalhos coletivos.

De posse do conteúdo apresentado nas etapas anteriores, os alunos terão embasamento para fazer a leitura e contextualização da imagem, exercitando o diálogo, promovendo o respeito, a flexibilidade, elaborando uma análise crítica do que analisaram e viabilizando uma maior compreensão das diversidades humanas.



Ilustração 3. Tirinha: Brigar ou lutar? Fonte: <https://www.brasilecola.com>.

Questão motivadora: Brigar ou lutar??!! Eis a questão...

Esta tirinha demonstra as dificuldades e as incessantes lutas da comunidade LGBTQIA+ para a conquista de respeito e direitos dentro da nossa sociedade.

A dinâmica proposta para análise desta imagem será a coleta de sugestões colhidas em grupo, apontando possíveis formas de luta para se atingir os objetivos dos homossexuais e transsexuais, no sentido de serem contemplados pelos seus direitos previstos em lei pela Constituição vigente no país.

Com esta dinâmica, os alunos exercitarão o respeito aos direitos humanos, o acesso a condições de vida digna, o exercício da cidadania, a empatia e a resolução de conflitos.



Ilustração 4: Tirinha: Qual porta? Fonte: <https://www.brasilecola.com>.

Questão motivadora: Qual porta?!!

Observa-se, nesta imagem, as dificuldades e desconcertos vivenciados diariamente pela população LGBTQIA+ em situações que, para as demais pessoas, acontecem de forma simples e segura.

O trabalho com esta tirinha objetiva estimular os alunos a reflexões sobre suas relações dentro e fora do ambiente escolar, a fim de atingir uma melhor compreensão das diversidades contemporâneas que necessitam de respeito, desenvolvendo a capacidade de lidar com as diferenças, criando soluções imaginativas para resolução de problemas.

Em grupo, eles deverão enumerar cinco sentimentos que eles supõem estar presentes nos indivíduos que vivenciam situações semelhantes ao desta tirinha de Laerte Coutinho.



Ilustração 5: Tirinha: Normais. Fonte: <https://www.brasilecola.com>.

Questão motivadora: Normais???

Nesta imagem, Laerte demonstra de forma muito divertida, as impressões de grupos sociais que não respeitam as diversidades humanas.

Sobre esta tirinha, será solicitado aos grupos de alunos que descrevam situações que tenham vivenciado ou que tenham chegado aos seus conhecimentos, em relação à discriminação sofrida pela população LGBTQIA+ e como se sentiram diante deste preconceito intensamente vivido por esta parcela da nossa sociedade.

Com este exercício, serão estimuladas relações saudáveis que proporcionem seus crescimentos como indivíduos, efeitos positivos em seus modos de pensar e de se expressar, levando-os a uma interpretação mais cuidadosa dos fatos que os rodeiam



Ilustração 6: Tirinha: Assim??!!!. Fonte: <https://www.brasilecola.com>.

Questão motivadora: Assim??!!!

Surge a pergunta: assim como? O que é proibido? Com estas indagações, será solicitado que exponham, individualmente as suas percepções em relação a esta cena.

Mais uma tirinha recheada de humor, onde Laerte aborda a discriminação em relação às pessoas trans, sempre tão visível nos nossos ambientes sociais e através desta imagem, vamos exercitar o agir pessoal e coletivo dentro dos princípios éticos, inclusivos e solidários.



Ilustração 7: Tirinha: Qual traje??. Fonte: <https://www.brasilecola.com>.

Questão motivadora: Qual Traje??

Novamente podemos observar através da arte de Laerte Coutinho, os constrangimentos vividos pela população LGBTQIA+, mesmo sendo estas situações consideradas banais pelo restante da população.

Laerte, divertidamente, nos traz mais este momento para gerar diálogos, discussões, reflexões entre os alunos, para que sejam exercitados a empatia, a reflexão, o respeito ao outro, a imaginação e a criatividade, com o propósito de levar valores e atitudes que possam ajudá-los nas dificuldades que poderão encontrar em suas trajetórias, tendo como dinâmica o livre diálogo entre eles, propiciando interessantes trocas e visões sobre o tema.

3.2.2 Zaia Ângelo



Ilustração 8: Foto de Zaia Ângelo. Fonte: <https://zaiaangelo.com>.

Nesta sequência, serão dispostas a biografia e as obras da artista plástica e escritora Zaia Ângelo, uma goiana de apenas 22 anos que faz uso da arte para dar visibilidade à causa LGBTQIA+. Ela acredita que, por meio da arte, conseguirá levar as pessoas a refletirem e se conscientizarem sobre assuntos pouco explorados, gerando empatia e colaborando, assim, com as dificuldades enfrentadas pelas minorias sexuais.

Além de suas obras amplamente divulgadas nas mídias sociais, Zaia tem se destacado também nos desfiles de moda com suas estampas exclusivas e decoração de camarins de artistas consagradas como Anita, Pablo Vitar, Glória Groove, Karol Conká, dentre outros.

Suas criações de roupas e objetos de decoração estão disponíveis nas redes sociais, tornando sua arte mais democrática, mais barata e também mais acessível, pois, segundo a artista, expor em galerias ou museus não geram um resultado impactante devido a uma menor abrangência. A artista afirma que seu objetivo é despertar nas pessoas a importância e a necessidade de atitudes inclusivas na sociedade, mostrando que ser diferente é bonito e que a diversidade enriquece a alma.

A partir das opiniões e das obras de Zaia, serão trabalhados o agir pessoal e coletivo, a empatia, a responsabilidade, a flexibilidade, resiliência e determinação, bem como as tomadas de decisões dentro dos princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários.

Na primeira etapa, far-se-á a apresentação de uma entrevista na qual a artista discorre sobre sua vida e obra, suas realizações e anseios. A entrevista está disponível no canal “Jornalismo com Enzo Carmignoli” do *site YouTube*, com o título: “Zaia Ângelo – Perfil”.

Após a apresentação da entrevista, haverá espaço para comentários sobre a percepção que tiveram sobre a fala da artista, qual a relevância que ela pode ter com a exposição de sua arte, bem como de sua participação nos movimentos em defesa da diversidade e dos direitos à igualdade e respeito pela população LGBTQIA+.

Os alunos deverão formar grupos e farão uma listagem de comentários que julgarem mais importantes na exibição feita pela artista durante a entrevista.

Na segunda etapa, serão apresentadas algumas obras da artista, nas quais o tema diversidade, gênero e sexualidade são bem evidentes. É importante demonstrar que, por meio da arte, pode-se levar para as salas de aulas uma educação inclusiva e a busca pela igualdade de direitos das minorias sexuais.

Esta obra faz parte da Coletânea “Eu sou a Dor”, exposta na 10º *Art Shopping* Paris – *Carrousel* do Louvre (2017), durante a Semana de Arte Contemporânea de Paris.

Com a apresentação desta imagem (Ilustração 7), oportunizar-se-á a análise crítica e contextualização da obra. Os alunos destacarão o que mais lhes chamou a atenção nesta produção artística, provocando discussões que os levem ao exercício da empatia, do diálogo, da valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, gerando maior flexibilidade em suas formas de pensar e agir.



Ilustração 10: Obra "Libertação"(2017) Fonte: <https://zaiaangelo.com>.

Ao analisar esta produção imagética da artista, os alunos apresentarão suas impressões sobre as dores vivenciadas pelas pessoas que enfrentam uma transição de gênero, trabalhando a empatia e o respeito às diferenças, exercitando a imaginação, a criatividade e o respeito pelo outro.



Ilustração 11: Obra "A próxima vítima" (2019). Fonte: <https://zaiaangelo.com>.

O que podemos refletir sobre esta criação artística? Esta será a pergunta norteadora do debate que se seguirá à apresentação desta obra.

Esta reflexão tem o propósito de instigar os alunos a analisarem esta obra densa e cheia de significados, para que discorram sobre as constantes ameaças vividas pela população LGBTQIA+: hodiernamente, pessoas são mortas apenas por serem diferentes. Neste aspecto, é urgente que a sociedade, inclusive os alunos, se conscientizem da necessidade de uma mudança comportamental e vejam que todos têm os mesmos direitos. A escola é o lugar por excelência onde estas situações devem ser conhecidas e discutidas, a fim de garantir que, ao longo do tempo, essas mudanças tenham reflexos positivos.

Esta análise visa, ainda, despertar nos educandos a importância do agir pessoal e coletivo com autonomia e responsabilidade, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos e inclusivos, melhorando assim seus ambientes de convívio na escola e na sociedade.



Ilustração 12: Obra "Marielle"(2021). Fonte: <https://zaiaangelo.com>.

Marielle Franco, imagem forte de uma mulher negra, LGBT, cria da Favela da Maré, socióloga e defensora dos Direitos Humanos, vereadora da Cidade do Rio de Janeiro, assassinada em 2018.

A proposta para avaliação desta imagem é a de salientar que a presença da afetividade e da empatia podem amenizar os efeitos de atitudes em que pessoas são

mortas por defender minorias sexuais e étnicas. Demonstrar-se-á a importância da arte e da cultura visual como forma de ilustrar e dinamizar diálogos que sinalizarão a importância e a necessidade de atitudes inclusivas na sociedade e que a diversidade é uma riqueza e não uma ameaça.

Na terceira etapa, finalizando esta proposta educativa, será apresentada uma série de fotografias de vestuários e calçados criados por Zaia Ângelo. Esta etapa será individual e os alunos deverão criar/desenhar peças tendo como inspiração as criações de Zaia Ângelo e teremos como encerramento uma exposição destas criações dos alunos na área de convivência da escola.



Ilustração 13: Foto: Coleção Arte em desfile (2022). Fonte: <https://zaiaangelo.com>.



Ilustração 14: Foto: Desfile Goiás Fashion Week (2022). Fonte: <https://zaiaangelo.com>.



Ilustração 15: Foto: Coleção Arte nos pés (2022). Fonte: <https://zaiaangelo.com>.



Ilustração 16: Foto: Coleção Kaftans (2022). Fonte: <https://zaiaangelo.com>.

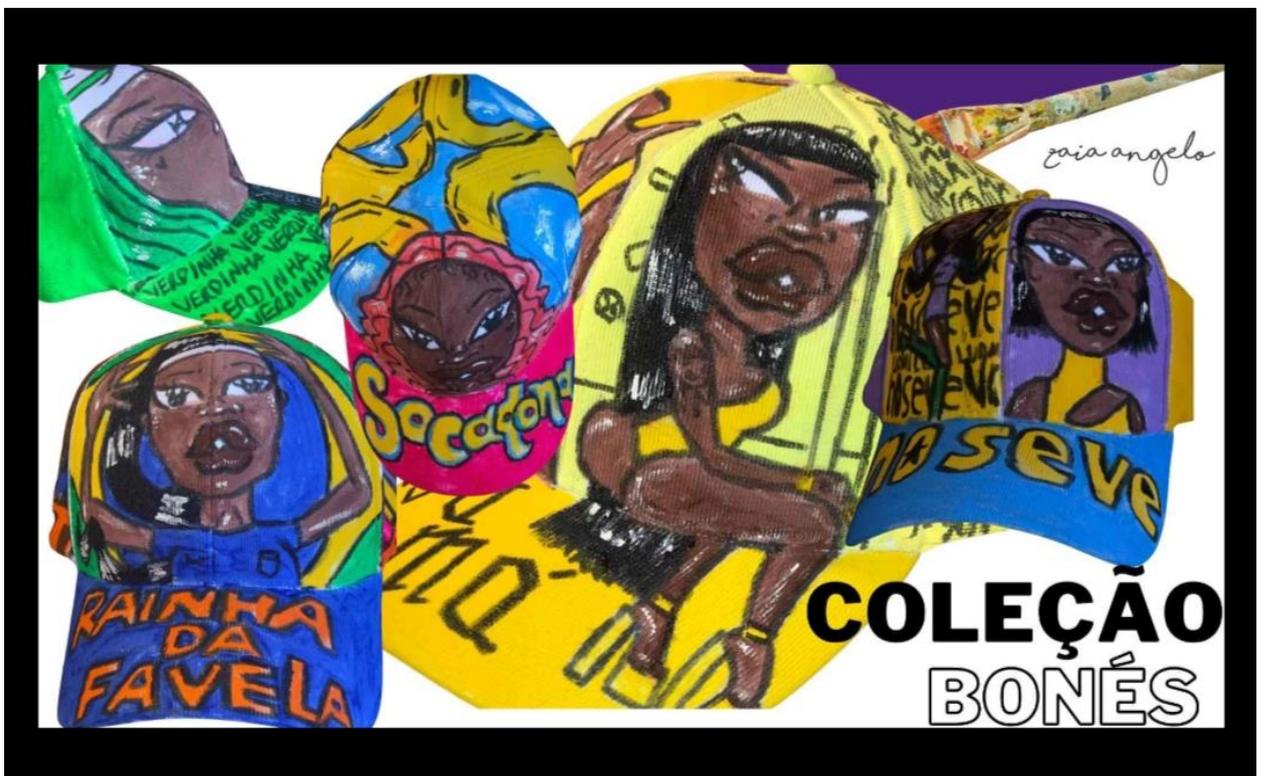


Ilustração 17: Foto: Coleção Bonés (2022). Fonte: <https://zaiaangelo.com>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem sobre diversidade, gênero e sexualidade constantes neste trabalho demonstra a necessidade de questionamentos nos processos educacionais, abrindo espaços para diálogos que possam provocar reflexões e mudanças comportamentais. Objetiva também levar aos educandos valores e atitudes que possam enriquecer seus crescimentos individuais e também um melhor convívio social.

Por meio das obras e das teorias aqui trabalhadas, percebe-se que o tema abordado poderá provocar reações diversas, pois a educação brasileira ainda não está totalmente aberta para desenvolver este diálogo e problematização para atingir emancipação e transformação social no que diz respeito às minorias. Os educadores precisam de formação e engajamento para levarem este tema para a sala de aula, objetivando o entendimento e a capacidade de opinar sobre as propostas apresentadas. A educação e os jovens estudantes, direta ou indiretamente no cotidiano das escolas, indagam sobre as questões aqui apresentadas.

As obras selecionadas para esta proposta, nos mostram o quanto se faz necessário trabalhar a diversidade, as diferenças humanas em sala de aula, pois a docência nos exige posicionamentos, mesmo sendo estes de difícil compreensão e aceitação social. Devemos estar atentos e acompanhar a velocidade com que a contemporaneidade nos coloca frente a novas formas de viver e de se comportar em sociedade, onde observamos um movimento marcado por céleres ações com grandes transformações materiais e também imateriais.

A análise crítica do momento atual é de suma importância para o desenvolvimento desta proposta. A arte contemporânea permite a contextualização desta análise e pode amenizar as inquietações, as aflições presentes na adolescência, sendo indispensável sua inclusão nos currículos educacionais.

As relações entre arte, diversidade, gênero e sexualidade apresentadas neste trabalho, demonstram apenas algumas possibilidades de trabalharmos estes temas em sala de aula, pois vemos na arte uma abrangência enorme em várias áreas do conhecimento, buscando sempre “seduzir” os educandos através das representações imagéticas e seus significados.

A busca pela igualdade social, a garantia de direitos, o respeito à dignidade humana e o fim das injustiças sociais estiveram presentes neste trabalho com o intuito de provocar mudanças comportamentais que possam atingir a sensibilidade humana para a construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, Zaia. Biografia e obras. Disponível em: <https://zaiaangelo.com/>. Acesso em 10 nov. 2023.

ARROYO, Miguel G. Os educandos, seus direitos e o currículo. In: MOREIRA, Antônio Flávio; ARROYO, Miguel. *Indagações sobre currículo*. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, nov.2006, p.49-81.

BARBOSA, A.M.; CUNHA, F.P.D. *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. Brasil: Cortez Editora, 2010.

BARBOSA, Ana Mae (Org). *Arte-educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino das Artes: Anos 1980 e novos tempos*. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino da Artes*. Brasília; MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BRUNNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CHALMERS, F.G. *Celebrating Pluralism: Art, education and cultural diversity*. Los Angeles: The Getty Education Institute for The Arts, 1996.

COUTINHO, Laerte. *Tirinhas*. Publicado em 04 de outubro de 2022. Disponível em: <https://laerte.art.br/tag/criancas/>. Acesso em 10 nov. 2023.

D'GENERUS: *Revista de Estudos Feministas e de Gênero*. V.01. n.1. Pelotas: UFPEL Edição Especial. 2022.

DEWEY, J. *Experiência e Educação*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011.

DIAS, Belidson. *O I/Mundo da Educação da Cultura Visual*. Brasília: Pós-graduação em arte da \universidade de Brasília. 2011. 210.il.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e Currículo. In: *Indagações sobre currículo*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2 ed. Brasília, 2012. 42p.

LAERTE. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural. 2023. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24989/laerte>. Acesso em: 06 nov. 2023. ISBN: 978-85-7979-060-7.

LOURO, Guaciara Lopes. *Educação e Docência: diversidade, gênero e sexualidade*. Formação docente – revista brasileira de pesquisa sobre formação de professores, v-3, n.4, p.62-70, 2011.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. 2007. 428 f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de Brasília.

MARTINS, Raimundo (Org). *Visualidades e Educação*. Coleção Desenredos, 2008.

MORAIS, Nadja Naiane Dantas. *A Construção do Sujeito Transexual Feminino em Tirinhas de Laerte Coutinho*. Disponível em <https://www.brasilecola.com>. Acesso em 10 nov. 2023.

MOURA, Andreia Guimarães. *Sobre corpos, sexo, desejo e performatividade: a desconstrução do discurso de gênero nos trabalhos de Laerte*. FRONTEIRAS VOL I Num.2 – dezembro, 2014.

OLIVEIRA, A.P. *Gênero, sexualidade e diversidade no currículo escolar: a experiência do papo sério de Santa Catarina*. Praxis Educacional: Vitória da Conquista, v.11, n.18, p.131-151, 2014.

PEREIRA, Adriana Soares. *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

SAVIANI, Demerval. *As Concepções Pedagógicas da Educação Brasileira*. Campinas. Histedbr. 2006.

SILVA, Estela Vieira. *A representação da sexualidade nas artes visuais: a fotografia de Robert Mapplethorpe e a poética do desejo no contexto escolar*. 2013, 40 f. Monografia (Artes Visuais) Universidade de Brasília.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Ações Afirmativas e Diversidade Étnico-Racial*. In: *Ações Afirmativas e o combate ao Racismo nas Américas*, Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, 2005.

Vicentini, D., & Verástegui, R. D. L. A. (2015). A pedagogia crítica no Brasil: a perspectiva de Paulo Freire. *Semana da educação*, 16.